

As Manifestações dos Mecanismos Adaptativos/Defensivos nos Rorschach de Adolescentes (*)

MARIA EMÍLIA MARQUES (**)

1. INTRODUÇÃO

1. Pretendemos mostrar como é que uma Técnica Projectiva de grande sensibilidade clínica — o Rorschach — permite revelar as particularidades de funcionamento mental dos adolescentes, o que é marcado por uma grande diversidade e riqueza e, por isso mesmo, por uma grande complexidade.

Os utilizadores do Rorschach debatem-se, quando confrontados com os protocolos de adolescentes, com a questão de apreciar se as imagens em presença são reveladoras de um processo patológico — e isto ainda mais se o protocolo for encarado nas suas dimensões essencialmente quantitativas, formais.

As interrogações que se levantam, prendem-se com dois aspectos fundamentais:

a) Os protocolos apresentam características que, num primeiro olhar, são reveladoras de alguma tensão interna que conduz à exteriorização daquilo que podemos designar por processo patológico, mas que nós preferimos designar por processo criativo.

Através desta designação pretendemos referir-nos à capacidade em incorporar/revelar elementos que, mesmo podendo ser

assimiláveis a mecanismos psíquicos primitivos, não levam obrigatoriamente à perda de controle, pelo contrário podem ser encarados como processos reveladores de enormes capacidades de integração e adaptação (Giovancchini, 1984; Shentoub, 1973).

Encaramos assim o produto em análise — o protocolo — como algo que pode revelar capacidades criativas ou, se essas capacidades não estão patentes, algo que revela falhas de integração e adaptação. Está contido nesta explicitação o nosso posicionamento face ao Rorschach: um espaço onde não são contidas, deliberadamente, as possibilidades e as virtualidades diagnósticas.

b) Os modelos teóricos que sustentam a análise do Rorschach são, nas suas referências originais, estabelecidos a partir dos modos de funcionamento mental dos adultos — normais e patológicos.

A perspectiva na qual nos colocamos, contudo, centra a análise do Rorschach de adolescentes num modelo em que é atribuído um peso específico ao jogo entre a realidade interna e a realidade externa e às suas vicissitudes neste período tão particular. Concebemos como modelo interpretativo do Rorschach de adolescentes, aquele que

(*) Comunicação apresentada no I Colóquio de Psicologia Clínica, ISPA, 1989.

(**) Assistente, ISPA. Psicóloga Clínica.

confere à adolescência o estatuto de período do desenvolvimento marcado por alterações e transformações importantes, período marcado pela necessidade de negociar tendências diferentes, opostas, mesmo contraditórias.

Destacaríamos desde já algumas dessas tendências:

- A permanente interrogação, para não dizer mesmo perplexidade, sobre o sentido da vida, da própria existência em confronto com atitudes marcadas pela excessiva afirmação de si, reinvidicação ou oposição.
- A necessidade de se viver como diferente, para se poder afirmar como único.
- A difícil negociação entre as posições activas e passivas, masculinas e femininas.
- A exigência em investir intensamente a realidade externa a par das pressões internas sentidas como muito prementes, que conduz a enormes dificuldades em obter gratificação dos objectos externos (Jeammet, 1980).

Nestes processos, marcados por tendências contraditórias, há a necessidade de uma negociação incessante, para a qual é mobilizada uma enorme quantidade de energia, sendo o mundo interno e externo vivenciados com enorme intensidade, acuidade, tornando muitas vezes instáveis e precárias as capacidades de adaptação, mas, e isto é o aspecto fundamental que pretendemos salientar, neste jogo levado a extremos incríveis, é possível ver surgir capacidades e possibilidades adaptativas igualmente incríveis.

2. Impõe-se-nos agora um pequeno recuo que nos permitirá levantar algumas interrogações e legitimar algumas das nossas afirmações anteriores. O recurso às referências da Antropologia, da Literatura e da própria Psicologia, são fundamentais para levantar algumas das questões essenciais que se prendem com a adolescência.

Há muito que o adolescente capta e fascina os olhares. Nas sociedades ditas primitivas, ao adolescente era conferido um lugar de destaque. O corpo social legitimava aquilo que de

essencial a adolescência representa: o abandono da infância, dos seus objectos e dos seus objectivos. Esse momento era perfeitamente enquadrado, apoiado e regulado pelos adultos. Era um momento curto e bem delimitado — o recurso a rituais de passagem (à idade adulta) revelava claramente ao jovem qual o novo papel a assumir: o de reprodutor e produtor.

O poder assumir uma identidade sexual precisa era facilitado, ou melhor, regulado pelo papel dos adultos-iguais o que acarreta menor instabilidade/fragilização da identidade subjectiva.

Se nos reportarmos à Literatura, vemos que esta apresenta exemplos magníficos de como a adolescência é um período particular, onde se assiste a uma amplificação daquilo que na sua expressão-repressão constitui a essência da existência humana: as capacidades reais e/ou imaginárias de amar e odiar, levadas pelos adolescentes por vezes a extremos incríveis onde a vida e a morte se debatem ou, pelo menos, as ilusões e as desilusões se confrontam (Ver nomeadamente Sena, 1981).

O essencial da problemática do adolescente passa justamente por estas dimensões: forte conflitualidade intra e inter-psíquica.

No que se refere às teorias e às práticas psicológicas, vemos que estas procuram estabelecer, com maior ou menor acuidade, as delimitações deste processo naquilo que de essencial ele representa. Há, no entanto, que reconhecer que esta tarefa não é fácil, atesta-o a inúmera literatura sobre a matéria (Destacamos Blos, 1985; Laufer & Laufer, 1984; Mâle, 1982; Feinstein, Giovanchini & Miller, 1982).

Há tendências que são marcadas pela centração nas dimensões externas da adolescência. Aparecem então valorizadas as condutas agidas, sendo os processos intra-psíquicos relegados para segundo plano. Estas tendências conferem à adolescência o carácter de «crise», em que o essencial do processo é visto à luz das manifestações mais evidentes e «ruidosas», mas onde o externo é fortemente infiltrado pelo interno.

Há outras tendências que se centram predominantemente na apreciação das manifestações intra-psíquicas deste período. Há então a valorização da ideia de «ruptura» em

relação à infância, da perda de continuidade, da perda de coerência psíquica (Braconnier, 1985; Ladame, 1985).

Estas concepções, não apresentando nenhuma incorrecção de maior, não valorizam, no entanto, aquilo que nos parece mais interessante ressaltar: o espaço real em que vive e como se vive o adolescente, nos diferentes períodos/processos que atravessa.

Convém, finalmente, sublinhar que a literatura psicológica sobre a adolescência contém uma imprecisão permanente: fala-se de adolescência no singular, não aparecendo geralmente referências claras aos processos particulares que ocorrem durante este período que é bastante longo. Parece-nos mais correcto reter a ideia de que a adolescência deve ser sempre referida no plural, já que é marcada por processos diferentes.

Entre as múltiplas imagens do adolescente reconstruídas pelo adulto: adaptado/desadaptado; doente/saudável; asceta ou com tendência excessiva para o agir, existe um espaço a explorar, um espaço a ser ocupado pelo adolescente real que tenta viver e viver-se num espaço real e imaginário próprios, singulares, a caminho da constituição de uma identidade e alteridade coerentes e bem delimitadas — sendo este caminho marcado por constrangimentos e vicissitudes vários (Giovancchini, 1984).

3. Esta tarefa a que nos propomos, fascinante, é contudo marcada por dificuldades inerentes ao facto de que pretender revelar factos psicológicos através de teorias é uma prova dura através da qual a riqueza das coisas pode rapidamente transformar-se em pobreza das palavras. O recurso ao Rorschach permite-nos, no entanto, a facilitação da tarefa, já que este, pela sua especificidade, nos permite revelar como é que cada sujeito reage às situações de conflito. Antes de mais, o próprio Rorschach constitui, no essencial, um conflito por aquilo que de fundamental representa:

- Um espaço de negociação entre as moções pulsionais e a expressão das representações e dos afectos que lhe estão associados;
- Um espaço onde o equilíbrio entre as

estruturas consciente e inconsciente é posto em causa, mas onde é esperável que a secundarização domine, ainda que alimentada pela vida pulsional — aquilo a que chamamos ressonância fantasmática;

- Representa finalmente um espaço de jogo, criação e recriação, solicitado pela especificidade da situação, que ao mesmo tempo que apela à expressão das fantasias, obriga à necessidade de manter presente o princípio da realidade (Rausch de Traubenberg, 1983; Shentoub, 1983).

Parece-nos ser o Rorschach, concebido nesta perspectiva, um instrumento valioso para revelar os conflitos e as estratégias usadas pelo sujeito para os tentar «neutralizar».

A forma como o adolescente se implica e participa na tarefa que lhe propomos: criar uma imagem precisa face a uma mancha que não tem significado preciso, permite revelar como é que ele liga a realidade interna à realidade externa, já que o acto de atribuir um significado às manchas pode ser concebido como um trabalho de criação onde os objectos (ínternos e externos) aparecem ligados e recriados.

2. OS RORSCHACH ADOLESCENTES

Vamos assim mostrar como é que o processo adolescente se pode revelar no *Rorschach*.

Como a adolescência é um período longo, marcado por várias tendências, pensamos ser adequado diferenciar dois grandes momentos: a *entrada na adolescência* e a *adolescência propriamente dita*.

Escolhemos assim dois grupos de protocolos de Rorschach: um grupo de **13 anos** e um grupo de **17 anos**, certos de que revelarão elementos diferenciadores.

Os dois grupos de protocolos, referem-se a sujeitos do sexo masculino, ditos normativos: sem insucesso escolar, sem consultas de Psicologia ou Psiquiatria, oriundos de famílias aparentemente estáveis, e homogeneizados do ponto de vista do estatuto socio-económico.

Os resultados a apresentar vão ser sobretudo centrados na *análise* dos elementos relevantes do *psicograma*, tal como eles aparecem

explicitados na Escola Francesa, com o objectivo de mostrar como é que eles podem ser considerados como reveladores mais de um processo criativo do que patológico (Rausch de Traubenberg, 1983; Chabert, 1983).

2.1. Apresentação dos Resultados

2.1.1. Elementos que decorrem da análise dos elementos formais dos protocolos

A necessidade de expressão nos rapazes de **13 anos** é muito mais intensa — o número de respostas (R) é muito mais elevado. Afigura-se-nos que esta necessidade está ligada a um momento em que as tensões internas são muito mais intensas, enquanto que no grupo de **17 anos** se assiste a um maior abrandamento da tensão pulsional, que conduz a um abrandamento da necessidade de expressão.

As estratégias cognitivo-perceptivas usadas — reveladas através dos modos de apreensão —, mostram uma maior preocupação no grupo dos **rapazes mais novos**, em bem delimitar os perceptos — isto através da verbalização usada e pela tendência em privilegiar o modo de apreensão global (G), mas onde os grandes detalhes (D) também são investidos. Revela-se assim uma maior preocupação em se viver — representar íntegro face a um meio investido, para melhor assegurar uma clara delimitação. No grupo dos **17 anos**, o privilegiar um tipo de modo de apreensão ou outro é mais função de condições singulares, e não revela essa necessidade de investimento dos limites.

Os modos expressivos dominantes revelam-se também, qualitativa e quantitativamente, diferentes.

Nos rapazes **mais novos**, o investimento dos limites não é acompanhado por um investimento na realidade objectiva — as imagens de dominância formal (F%) são pouco investidas. Verifica-se, sobretudo, o recurso a outras modalidades expressivas onde as kinestésias (K) e as respostas cor (C) assumem papel relevante. Destaca-se no entanto que a adequação formal existe — visível através do F% alargado que é aceitável na sua expressão. Esta faixa etária revela uma preocupação mais centrada em dois pólos:

- Procura activa e intensa de uma identificação - um número de grandes Kinestésias (K) elevado, que se faz acompanhar de um número de imagens humanas (H%) elevado, aparecendo esta percentagem de H predominantemente constituída por imagens inteiras e bastantes imagens para-humanas.
- Uma grande reactividade ao mundo externo — privilegiar da sensorialidade (ΣC e ΣE dilatados) — sem no entanto haver hipersugestionabilidade. Estas respostas, determinadas pelo pólo sensorial, são predominantemente controladas pelo aspecto formal (FC e FE). Nesta faixa etária, os movimentos presentes são caracterizados por uma extrema intensidade e mobilidade, onde, apesar da forte pressão/expressão interna, não há perda de controlo, ou melhor, é possível a recuperação — os mecanismos adaptativos acabam por dominar.

O grupo dos rapazes **mais velhos** apresenta uma maior adequação e conformidade à realidade objectiva e apresenta também uma menor expressão de tensões internas — F%, F+%, K, H%, Ban dentro dos valores normativos.

Os conteúdos apresentados têm características diferentes.

Os rapazes de **13 anos** recorrem a um maior leque de conteúdos que podem ir das Abstracções às Explosões, revelando assim um maior balanceamento e maleabilidade, sem que se expresse uma temática muito clara. Há, no entanto, que sublinhar um peso maior dos conteúdos regressivos, que atestam o recurso a mecanismos narcísicos dominados pelo retraimento libidinal.

Nos rapazes de **17 anos**, assiste-se a uma expressão mais reduzida, tomando significado especial as imagens parciais (nomeadamente Hd) e as respostas Anatomia (Anat) — sem, no entanto, se verificar nada de fixo e repetitivo. Esta maior concentração sobre as imagens parciais e sobre as referências corporais, parece-nos revelar muito mais uma recrudescência da angústia de castração, face à qual o recurso a imagens de interior do corpo como eixo organizador se impõem.

As expressões directas da angústia são pouco presentes nos dois grupos. A angústia existe sobretudo ligada às representações, circunscrita a atitudes defensivas variadas.

Que conclusões tirar então destes elementos do psicograma? Parece-nos importante aprofundar estes aspectos e procurar atribuir-lhes um significado no que se refere à dinâmica afectiva, para o que será necessário recorrer a outros elementos.

2.1.2. Grelha de Análise da Dinâmica Afectiva (Rausch de Traubenberg et al., 1989)

A *projectão das pulsões libidinais e/ou agressivas* apresenta-se diferente nos dois grupos e têm um destino diferente.

Nos rapazes *mais novos*, assiste-se a uma maior oscilação, a um maior balanceamento entre uma expressão pulsional objectal e não objectal. A um investimento no objecto externo sucede-se um investimento no objecto interno e vice-versa. A expressão da agressividade domina, mas marcada por um cariz oscilatório, onde o activo e passivo e o agredir e ser agredido se expressam e «anulam» mutuamente.

Nos rapazes *mais velhos* a expressão pulsional é mais estável mas menos presente, continua a dominar a expressão da agressividade, mas esta é mais mentalizada ainda que não apareça ainda inscrita no relacional.

A constituição da identidade aparece estável nos dois grupos etários, havendo, no entanto, alguns elementos diferenciadores:

- No grupo de *13 anos* assinala-se uma grande diversidade de representações humanas e para-humanas, animais e para-animais, femininas e masculinas, predominantemente inteiras. A presença destas imagens é marcada por uma permanente oscilação, passagem de umas imagens a outras, atestando uma busca activa de uma identificação sexual estável, onde por vezes se recebe uma perda de controlo. Esta busca activa da identificação conduz, de facto, a imagens onde a identidade aparece ameaçada na sua integridade, mas nunca se assiste a imagens reveladoras de falhas fundamentais da identidade. Pode-se dizer

que os arranjos identificatórios que se impõem nesta altura levam a uma fragilização da representação de si integra, ou melhor, levam a que a identidade subjectiva apareça pouco estável.

- No grupo dos rapazes de *17 anos*, a necessidade de representação directa de si diminui, marca-o o abaixamento das percentagens de H e A, bem como da implicação projectiva. Não há, também, a expressão de uma representação de si através da representação da relação, atesta-o o número de K diminuto. Aparecem no entanto, preocupações centradas sobre o corpo, vivido como atingido. Os elementos relativos à castração são muito presentes: maior presença de imagens parciais, muitas preocupações sobre o carácter imperfeito das manchas, muitos comentários, ou mesmo imagens, onde a elementos viris são atribuídas características de pequenez.

A expressão do *narcisismo* nos dois grupos de protocolos apresenta igualmente características diferentes.

Considerada a expressão do narcisismo na sua tripla dimensão-retraimento libidinal, desvalorização ou valorização — constatamos que o retraimento narcísico é muito presente em todos os protocolos, só que com características diferentes quanto à sua expressão, mas permitindo sempre a restauração.

Enquanto que no grupo dos rapazes *mais novos* o retraimento surge no lugar duma representação directa de si que mobiliza angústia, onde a desvalorização e/ou a valorização de si se joga, no grupo dos rapazes *mais velhos* vemos surgir principalmente imagens de valorização e imagens de interior de corpo, onde se esperaria que a representação da relação aparecesse.

Mais concretamente, nos grupos de protocolos dos rapazes *mais novos*, aparece muito o recurso a referências de espelho, reflexo, simetria onde se poderia esperar que a representação de si estável e/ou a representação da relação fosse investida, no grupo dos rapazes *mais velhos* aparecem mais facilmente imagens de «flores», «vasos», imagens de valorização narcísica, que visam neutralizar a representação directa de si

ou da relação. A par destas imagens, surgem também referências do tipo «coluna vertebral», imagens que cumprem a mesma função.

Nos dois grupos, os *mecanismos de defesa* presentes são variados e flexíveis, à excepção dos cartões II, IV e VI que apresentam, mais frequentemente, defesas mais rígidas, dominando a inibição e o recalçamento.

Apesar da presença de uma forte implicação projectiva, a possibilidade de recurso a defesas com valor de desimpedimento domina francamente estes protocolos.

3. CONCLUSÃO

A diversidade dos processos evidenciados nos dois grupos de protocolos, leva-nos a considerar de toda a legitimidade e interesse o diferenciar, em função do critério idade (e provavelmente também do critério sexo), o processo adolescente, que tem faces múltiplas. Este processo é marcado por motivações positivas dominantes, mesmo quando aparecem transitoriamente sob uma configuração negativa.

Daqui decorre o nosso interesse em aprofundar muito mais estes aspectos e o trabalho que actualmente desenvolvemos pode, desde já, conter estes elementos que se nos apresentam como novas hipóteses a considerar.

Ainda que alguns dos elementos atrás evidenciados possam ser tidos como preocupantes, o que é facto é que, na sua essência, eles não podem ser encarados negativamente, e isto porque eles surgem episodicamente, intimamente ligados à solicitação simbólica dos cartões e havendo sempre recuperação, o que atesta uma boa distância em relação ao fantasma.

Os imperativos da secundarização estão presentes, apresentando-se no entanto coloridos afectivamente. O real interno e externo podem confrontar-se, expressar-se sem que a perda de controlo persista mais do que o desejável. Estes aspectos podem ser vistos como movimentos oscilatórios, pendulares, percorrendo uma panóplia imensa de estratégias cognitivo-afectivas que possibilitam a expressão. Tudo isto é revelado num quadro vivo onde as possibilidades, as capacidades de levar as coisas

a extremos que nos fazem recluir sobre as possibilidades adaptativas, coexistem surpreendentemente com movimentos de recuperação surpreendentes. Concebemos estes movimentos, como movimentos de recuo até patamares mais securizantes — recuar para melhor saltar —, como se o ir até aos limites fosse a tarefa fundamental: testar todas as hipóteses, comprometer todas as fontes e recursos (internos/externos) num jogo onde o transgredir o (ir)razoável se impõe e é imposto, mas onde há a possibilidade de voltar atrás para se reafirmar num espaço onde se vive e situa o adolescente real.

Estamos face a funcionamentos mentais extremamente ricos, maleáveis, abertos (às vezes mesmo permeáveis) onde o vencer e o ser vencido é o espaço de negociação.

No entanto, a constatação de que nos rapazes de 13 anos há uma maior exuberância imagética, tida nas suas características de maior intensidade e diversidade e nas suas características por vezes mesmo opostas, leva-nos a considerar que neste grupo existe uma maior orientação narcísica nas atitudes e condutas, enquanto que no grupo dos rapazes mais velhos a menor necessidade de expressão se deve a uma orientação objectal dominante: o objecto, sobretudo externo, é mais investido por permitir uma realização mais imediata, mesmo que o recurso à intelectualização e à racionalização domine.

Este aspecto, que pode aparecer como um elemento que contraria as observações clínicas dos adolescentes destas faixas etárias, parece-nos dever ser entendido como revelador do trabalho de ligação entre a realidade interna e externa característico destes períodos: um aumento da tensão interna de difícil regulação, característico da primeira fase da adolescência, dá lugar a um funcionamento que, na sua configuração aparente externa, é marcado por uma espécie de pobreza fantasmática. A forte conflitualidade interna é como que «neutralizada» pelo excessivo recurso ao factual, ao a-conflitual. É como se ao manter bem presente o real nas suas características precisas, objectivas, concretas pudesse organizar o mundo interno que é vivenciado como impreciso, às vezes mesmo, caótico.

Quanto ao grupo dos rapazes *mais velhos*,

que aparece na observação directa como mais apto a mentalizar e a simbolizar, mas que no Rorschach aparece mais «empobrecido», entendemos que é justamente porque a tensão pulsional diminuiu, que se torna possível organizar e ligar de uma forma mais precisa, mais investida as duas realidades que estão em confronto: a interna e a externa.

Todo o tipo de condutas reveladas durante a adolescência, sobretudo a oscilação entre a expressão pulsional não objectal e objectal, entre a realidade interna e a externa, entre os comportamentos de autonomização e os de dependência cumprem um objectivo preciso: a constituição, a construção e reconstrução de um espaço psíquico mais alargado mas sempre singular, onde o presente-passado-futuro se sintetizam de novo em função das novas possibilidades e potencialidades.

O Rorschach, pelo conjunto de processos que mobiliza, permite que se revele justamente este aspecto: como é que do confronto entre o mundo interno e o mundo externo podem surgir novos objectos, ou melhor dizendo, como é que se podem recriar os objectos internos e externos face a uma situação conflitual-tipo. A adolescência como período marcado por várias conflitualidades expressa-se de uma forma exemplar num espaço como o Rorschach.

BIBLIOGRAFIA

- Blos, P. (1985). *Adolescência*, S. Paulo: Martins Fontes.
- Braconnier, A. (1985). Ruptures et séparations. *Adolescence*, 3(1): 5-19.
- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte*. Paris: Dunod.
- Feinstein, S.C., Giovancchini, P.L. & Miller, A.A. (1982). *La Psychiatrie de l'Adolescent*. Paris: PUF.
- Jeammet, Ph. (1980). Réalité externe et réalité interne - Importance et spécificité de leurs articulations à l'adolescence. *Revue Française de Psychanalyse*, 44: 481-522.

- Ladame, F. (1985). Ruptures ou discontinuité? *Adolescence*, 3(1): 155-158.
- Laufer, M. & Laufer, E. (1984). *Adolescence and Developmental Breakdown*. New Haven and London: Yale University Press.
- Mâle, P. (1982). *La crise juvénile*. Paris: Payot.
- Sena, J. (1981). *Sinais de Fogo*. Lisboa: Edições 70.
- Shentoub, V. (1973). A propos du normal et du pathologique dans le T.A.T.. *Psychologie Française*, 18(4): 251-259.
- Shentoub, V. (1983). T.A.T.: Teoria e Método. *Análise Psicológica*, IV(1): 23-30.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). *La pratique du Rorschach*, Paris: PUF.
- Rausch de Traubenberg, N. (1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach — O Rorschach, espaço de interacções. *Análise Psicológica*, IV(1): 17-21.
- Rausch de Traubenberg, N., Bloch-Laine, F., Boizou, M.-F., Duplant, N., Martin, M. Poggionovo, M.P. (1990). Modalités d'analyse de la dynamique affective au Rorschach. Gulle d'analyse de la dynamique affective. *Revue de Psychologie Appliquée*, 40(2).

RESUMO

A autora procura mostrar, através do recurso ao Rorschach, que a adolescência deve ser considerada como um período/processo com expressões múltiplas, no qual é esperável e desejável a expressão de mecanismos primitivos.

O Rorschach é analisado de forma a poder revelar a natureza desses mecanismos primitivos e as estratégias usadas contra a sua expressão.

ABSTRACT

Using the Rorschach, the author attempts to demonstrate that adolescence should be viewed as a period/process with multiple mechanisms is to be expected and desired.

The Rorschach test is analysed in such away as to reveal the nature of these primitive mechanisms, and also the strategies used by the subjects against their expression.